Conclui afirmando que

"los ideales femeninos de belleza corporal durante el siglo cuarto se hallan encarnados por varias figuras de mármol realizadas según la Afrodita-Friné de Praxíteles" (pág. 180).

Já em Roma, onde o patriarcalismo se configurava nitidamente, o homem tinha direito de vida e morte sôbre sua espôsa ou filha. Mas o *status* social da mulher foi paulatinamente melhorando e, por exemplo, em problemas de herança,

"las hijas heredaron en la misma forma que los hijos" (pág. 187).

Este progresso terá sido fruto, por um lado, da influência dos vizinhos e por outro, das sucessões intermináveis das guerras.

Para Seltman, Jesus era um feminista convicto, o que pode ser verificado por uma série de exemplos que fornece. Paulo de Tarso, porém, era violentamente contrário à mulher. Todo o seu proselitismo estaria marcado pela convicção expressa de que

"el sexo era en verdad una desgracia que apartaba los intereses del hombre de las cosas celestiales" (pág. 202).

Baseando-se nessa convicção, a Igreja conseguiu que o homem medieval a acatasse o que fêz com que houvesse na Idade Média número imenso de desiquilibrados mentais, originados pelo recalque (pág. 218). Quanto à mulher, desde que não pertencesse às classes sociais privilegiadas,

"solo disponían de cuatro carreras: la burguesa esposa (cocineraama de casa); la prostituta, la monja y la bruja" (pág. 221).

Na parte final do volume o Autor traça um paralelo entre a mulher na Antigüidade e nos dias de hoje, quando tira uma série de conclusões ousadas mas pertinentes. Conclui recordando a diferenç entre a mulher, como sendo a que improvisa e o homem o que planifica, para finalizar com o óbvio:

"la sociedad necesita de ambos" (pág. 230).

JAIME PINSKY

ROWLEY (H. H.), Pequeno Atlas Bíblico, Trad. e adaptação de Aaron Sapsezian. São Paulo. ASTE. 1966, 24 págs.

Nota-se no Brasil, nestes últimos anos, um crescente interêsse pela leitura da Bíblia. As Sociedades Bíblicas e as editôras católicas redobram seus esforços no sentido de divulgá-la. Judeus, católicos e protestantes promovem concursos bíblicos com prêmios de viagem à Palestina para os vencedores. Entre os protestantes, como é sabido, a leitura das Escrituras é praticamente condição para alguém ser membro da Igreja. Nas Escolas Dominicais as estatísticas chegam a incluir um item dedicado ao número de Bíblias presentes.

Infelizmente, porém, nem sempre a leitura do livro sagrado é feita com o necessário discernimento, inteligência e isenção de preconceitos, o que resulta, regra geral, em um conhecimento muito superficial e em incompreensão do verdadeiro espírito do grande livro, e até, não raro, em atitude mental de um quase culto pelo volume em si, uma espécie de bibliolatria.

Pendo de lado a questão do uso da Bíblia como livro fundamental do Cristianismo, porque não é êste o lugar e nem o momento de tratar dêsse problema, compete-nos apenas assinalar a circunstância de que, tratando-se de um livro antiquíssimo, de fato uma coleção de dezenas de livros de vários gêneros, escritos originalmente em hebraico (os do Velho Testamento) e em grego (os do Nôvo Testamento), é evidente que se fazem necessárias, para seu simples conhecimento intelectual, alguns recursos que sòmente as ciências podem fornecer, principalmente a arqueologia, a história, a geografia, a filologia e a própria teologia.

Atendendo em parte a essa necessidade, no que toca à esfera protestante dêste país, é que se criou, há poucos anos, em São Paulo, a Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), que tem feito uma obra de incalculável valor entre nós, promovendo a tradução e publicação de livros indispensáveis a um verdadeiro conhecimento da Bíblia, como, por exemplo, o excelente Vocabulário Bíblico, de von Allmen, os verbetes sôbre a Igreja e correlatos do famoso Theologisches Worterbuch zum Neuen Testament, editado sob a direção de Gerhard Kittel, o O Ensino de Jesus, estudo crítico dos Evangelhos Sinóticos, de T. W. Manson, a História da Igreja Cristã, de Walker, atualizado por Pauck e outros.

O Pequeno Atlas Bíblico é uma dessas obras valiosas com que a ASTE está enriquecendo a bibliografia dos estudiosos da religião cristã em língua portuguêsa, por meio das quais se evidencia o serviço que a ciência presta aos estudos teológicos e bíblicos.

Embora de modestas proporções (basta lembrar que o Atlas de la Bible, de Luc H. Grollenberg, O. P., traduzido para o francês e editado pela Elsevier em 1954, o qual tem 162 págs. in 4º, é considerado por seu autor nestes têrmos: "Malgré ses dimensions, ce livre ne prétend point être plus qu'une esquisse"), o Pequeno Atlas da Biblia vem preencher uma grande lacuna entre os leitores brasileiros da Biblia que não tinham fácil acesso a bons atlas publicados noutros países.

O Autor, Harold Henry Rowley é um erudito pastor batista, graduado nas Universidades de Bristol e Oxford, antigo missionário na China, onde foi professor na Universidade de Shantung, e autor de um grande número de livros, principalmente sôbre assuntos orientais. O seu Atlas, agora traduzido e adaptado competentemente pelo Prof. Rev. Aharon Sapsezian, é de particular interêsse para os estudantes de História da Palestina não só pelas informações contidas no texto que se intercala entre os mapas, mas particularmente pelos próprios mapas históricos, como o do Antigo Oriente Próximo, o de Canaã antes da conquista israelita, o das diferentes rotas que os israelitas poderiam ter seguido no êxodo do Egito para Canaã, o da divisão dos dois reinos, etc.

O trabalho gráfico e cartográfico é perfeito, realizado nas oficinas da Companhia Melhoramentos.

JORGE CESAR MOTA